

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CURSO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**FERNANDA CRISTINA GONZALES FERREIRA**

**OFICINA DE SABERES - Uma intervenção pedagógica para além dos muros da  
escola: Abordagem de oficinas nas comunidades de periferias**

**Jaguarão**

**2021**

**FERNANDA CRISTINA GONZALES FERREIRA**

**OFICINA DE SABERES - Uma intervenção pedagógica para além dos muros da escola: Abordagem de oficinas nas comunidades de periferias**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras - Português.

Orientador:

Prof. Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez

Coorientador:

Prof. Esp. Anderson Rodrigo dos Santos

**Jaguarão**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

F383o	Ferreira, Fernanda Cristina Gonzales
	OFICINA DE SABERES - Uma intervenção pedagógica para além dos muros da escola: Abordagem de oficinas nas comunidades de periferias / Fernanda Cristina Gonzales Ferreira. 35 p.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021. "Orientação: Prof. Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez. Coorientação: Prof. Esp. Anderson Rodrigo dos Santos".
	1. Prática pedagógica. 2. Educação em comunidades periféricas. 3. Inclusão social. 4. Oficinas de ensino.

**FERNANDA CRISTINA GONZALES FERREIRA**

**OFICINA DE SABERES - UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:  
ABORDAGEM SOBRE OFICINAS NAS COMUNIDADES DE PERIFERIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 21 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

---

Profa Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof. Esp. Anderson Rodrigo dos Santos  
co-orientador  
UNIPAMPA/UAB

---

Profa. Ma. Ana Cristina do Amaral Lovato  
UNIPAMPA

---

Profa Ma. Lisiane Inchauspe de Oliveira  
UNIPAMPA/UAB



Assinado eletronicamente por **ISAPHI MARLENE JARDIM ALVAREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 08:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Anderson Rodrigo dos Santos, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 08:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LISIANE INCHAUSPE DE OLIVEIRA, Secretário Executivo**, em 23/12/2021, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANA CRISTINA DO AMARAL LOVATO, Técnico em Assuntos Educacionais**, em 27/12/2021, às 18:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0699119** e o código CRC **E1262CE5**.

Dedico este trabalho à minha família, que sempre foi a maior motivação para que fosse atrás dos meus sonhos e objetivos.

## **AGRADECIMENTO**

Aos professores Anderson Rodrigo dos Santos e Alessandra Goulart, que me acolheram neste projeto, proporcionando segurança e motivação para a escrita.

Aos professores que acompanharam essa jornada acadêmica, possibilitando que conquistássemos não apenas o diploma, mas importantes reflexões que contribuíram para formação de profissionais conscientes sobre seus direitos e deveres enquanto cidadãos de fato e agentes de transformação social.

As colegas de curso Bianca Oliveira e Danicia Raota, difícil imaginar como seria a graduação sem a rede de apoio que formamos em nossa trajetória acadêmica.

Amizades construídas na graduação que levaremos para vida.

Ao meu esposo, que esteve ao meu lado me apoiando em todo percurso acadêmico, me motivando nos momentos em que a vontade era de desistir, sempre acreditando e me incentivando a continuar. Aos meus filhos que assim como meu esposo, tiveram que conviver com minha ausência e momentos de estresse.

A minha irmã Jéssica Gonzales, que foi fundamental para que eu conseguisse realizar as atividades acadêmicas no começo da graduação, cuidando dos meus filhos como eu cuidaria, para que eu pudesse realizar as avaliações.

A minha mãe, que mesmo com todas as dificuldades que enfrentou na vida e sem ter tido a oportunidade de concluir a educação básica na infância, sempre me fez acreditar que tinha condições para concluir o ensino superior.

Ao meu pai, que sempre me fez acreditar que concluir esta graduação era possível.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire



## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, trás uma abordagem de forma sucinta, sobre possibilidades de ensino que contemplem as necessidades dos discentes na atualidade, especialmente no que se refere às comunidades periféricas, onde o desinteresse pela continuidade na formação escolar, enraizou-se permanecendo como uma triste condição cultural. A partir dessas reflexões, busca-se apresentar uma metodologia de ensino que possibilite a construção de aprendizagens significativas onde os discentes atuem como protagonistas no processo de aquisição de conhecimentos, distanciando do modelo onde o professor é emissor e o aluno receptor. Visando especialmente a participação ativa, o protagonismo juvenil, a redução da evasão escolar e um ambiente que proporcione novas perspectivas de vida a partir da motivação na continuidade da formação, que vai além da educação básica e permite a percepção da importância dos estudos para ascensão social. Incentivando sempre a construção de uma formação que reflita positivamente para além dos muros da escola.

Palavras-Chave: Inclusão social; Educação; Oficinas de ensino; Prática pedagógica.

## **ABSTRACT**

The present work of course completion, brings an approach in a succinct way, about teaching's possibilities that meet the students necessity currently, especially concerning the peripheral communities, where the uninterest for the continuity in school education, rooted remaining as a sad cultural condition. From these reflections, we pursuit to present a teaching methodology that enables the construction of significant learning where the students act as protagonists in the knowledge's process acquisition, distancing itself from the model on which the teacher is the issuer and the student is the receiver. Aiming, especially, at the active participation, the young as protagonists, the dropout's reduction and an environment that provides new life perspectives from the motivation to continue the education, that goes beyond basic education and enable the perception of studies importance for social ascension. Always encouraging the education's construction that reflects positively besides the school walls.

Keywords: Social inclusion; Education; teaching workshops; Pedagogical practice.

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EAD - Educação a distância

EJA - Educação de Jovens e Adultos

HTTP - HyperText Transfer Protocol

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC - Ministério de Educação e Cultura

PCN - Planos Curriculares Nacionais

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPP - Proposta Político Pedagógica

UNICEF - Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância – em inglês, United Nations International Children's Emergency Fund

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Ensino de língua portuguesa por meio de oficinas .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Protagonismo no ambiente escolar .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3</b>	<b>Educação como ferramenta de inclusão social .....</b>	<b>21</b>
<b>2.4</b>	<b>Educação não é privilégio .....</b>	<b>23</b>
<b>2.5</b>	<b>Educação libertadora .....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>ABORDAGEM METODOLÓGICA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>Entrevista quantitativa .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2</b>	<b>Pesquisa exploratória .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3</b>	<b>Como instrumentos deste projeto .....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolver pedagógico apresenta a cada dia mais desafios e necessidade de distanciamento das metodologias tradicionais de ensino, especialmente na educação básica, onde as práticas ainda passam por um processo de transição no que tange ao planejamento voltado ao protagonismo. Visando alternativas que proporcionem o envolvimento produtivo e efetivo do discente, a redução na evasão escolar e tendo como foco resultados escolares mais satisfatórios. Esta intervenção pedagógica foi elaborada pensando nos contextos sociais onde estar em sala de aula não é visto como uma necessidade e fundamental para a ascensão social. Considerando que as escolas situadas em regiões periféricas e os alarmantes índices apontados pelo PNAD<sup>1</sup> 2019, que indicam que 1,5 milhão de meninos e meninas ainda estavam fora da escola no referido ano, se faz fundamental refletir sobre essas situações e de que maneira o docente pode contribuir para a redução destes alarmantes números.

Preencher o processo pedagógico de afetividade pode ser uma alternativa, coadunando com o que dizia Morin (2002), a afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Nesse sentido, cremos no afeto como fonte de fortalecimento, pois uma intervenção pedagógica é uma ação afetiva, visto que, dedica-se ali, mais do que ao processo profissional padrão, dedica-se ao amor!

Há muito se sabe que o professor é o principal promotor do saber na vida de qualquer indivíduo, é com o professor que aprendemos desde questões mais básicas na vida (ler, escrever e falar com coerência e coesão), até chegar às formações mais complexas que habilita profissionais e torna possível o desenvolvimento da sociedade. Sendo o professor, o protagonista neste cenário que exige tamanha responsabilidade, cabe propor-lhe que repense a sua prática pedagógica, o seu fazer pedagógico, a sua sala de aula, pois sabemos já há algum tempo que é necessária uma atualização no que concerne ao aspecto abordagem metodológica em sala de aula, visto que, só assim poderemos ter alunos envolvidos, aulas mais qualificadas e esse tem sido um enorme desafio. Se propõe a realização de aulas que tenham um contexto diferente do padrão, aulas mais significativas, que

---

<sup>1</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

façam realmente sentido para os discentes. Há muito se estuda no meio acadêmico importantes teóricos que sugerem uma educação capaz de produzir significado aos discentes. Além disso, promover aulas nas quais os discentes se percebam como protagonistas, pois eles possuem um potencial de influência no meio em que vivem, logo, aproveitar este potencial pode possibilitar que um número significativo de alunos em situação de evasão, retornem à escola, por perceber que lá pode ser um ambiente interessante, onde ele queira estar. Dentro desta perspectiva que visa tornar a educação acessível. POSSENTI (2002, p.17) defende que é preciso criar condições para que o português padrão seja aprendido. A partir daí percebe-se que pensar práticas pedagógicas diferenciadas não só é importante, mas fundamental para uma formação de qualidade. Ainda de acordo com POSSENTI (2002, p. 21):

O fracasso tem a ver com a forma como se concebem a função e as estratégias do ensino de língua. A única opção de uma escola comprometida com melhoria da qualidade do ensino está entre ensinar ou deixar aprender...Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso ou, pior, em atribuí-lo exclusivamente aos aluno.

Propõe-se pensar em metodologias de ensino que representem importância para os alunos, proporcionando condições para que eles se percebam como indivíduos capazes de tomar a frente nos projetos escolares, dentro dessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular documentam a necessidade de trabalhar o processo de ensino aprendizagem relacionando temas transversais, que propõe contextualizar e interligar educação e sociedade. Seguindo em conformidade com o que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais: "...saber discutir pluralidade a partir das diferenças dos próprios alunos é um modo de conduzir o tema de forma mais próxima da realidade brasileira" (PCN 1997, p. 15).

Numa visão social comunitária, acredita-se que essas intervenções contribuam com a diminuição de diversos índices que apontam o trágico fim dos jovens em zonas periféricas. De acordo com Morin (2002. p.15):

São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que seja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento

transdisciplinar, envolvendo relações indivíduo x sociedade x natureza. Esta condição é fundamental para a construção de um futuro viável para as gerações presentes e futuras.

Calçada de afirmações de importantes teóricos, esta intervenção, baseia-se no desenvolvimento de um projeto pedagógico que tem um perfil de trabalho em moldes de oficina, o que poderia ser nomeado aqui, como uma oficina de Língua Portuguesa. Esta oficina foi pensada, com foco no protagonismo do discente. Ao grande grupo, será proposta a organização de um jornal comunitário. Para o desenvolvimento deste projeto, cada aluno terá uma função definida por eles, (escritores, redatores, fotógrafos, revisores, editores...), embora tenham suas funções definidas, todos participam do processo pedagógico, os saberes serão proporcionados a partir de atividades desenvolvidas na oficina, reportagens, colunas e crônicas. O docente atua como mediador nesta prática, apresenta os conteúdos que serão trabalhados e propõe a realização das atividades, os discentes organizam a produção do jornal, reportagens explicativas com entrevistados, colunas de opinião baseadas na pesquisa e leitura, crônicas. Enfim, eles terão a participação ativa, serão os verdadeiros protagonistas neste processo. O professor precisa ter de antemão a consciência de que o ensino aprendizagem é uma via de mão dupla, tal como afirma Freire (1997), “quem ensina, também aprende, o professor não pode posicionar-se como detentor exclusivo e absoluto do saber.” Freire afirma que (1997. p.13):

“...destes saberes indispensáveis, o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Para tornar esta prática possível, será indispensável que se tenha conhecimento prévio dos alunos, da comunidade em que estão inseridos, e que se forme um elo para a nova aprendizagem, essa relação será capaz de despertar o interesse e autonomia do discente no que é proposto.

## 2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

A partir da vivência do período em que trabalhei com o desenvolvimento de projetos sociais para captação de recursos que viabilizassem a inclusão social de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, na Associação Comunitária Bela Vista em Sapucaia do Sul/RS, no período de 2009 a 2014. Foi possível experienciar diversas situações que sustentam a defesa deste trabalho. Após a aprovação de um projeto de inclusão digital, a instituição se viu sem oficinairo para ministrar informática nesse projeto, fiquei a frente e, na função de oficinaira, organizei as aulas para os participantes, de começo, tivemos uma evasão significativa, o que não poderia acontecer, pois, o aporte financeiro era justamente para que a inclusão das crianças e adolescentes da comunidade se efetivasse a partir do projeto. Frente a isso, junto aos alunos, organizamos o que se tornou então um “projeto dentro do projeto”, que nomeamos *Jornalistas do Bairro*. No projeto os alunos faziam justamente o que está proposto em boa parte deste trabalho acadêmico, eles eram protagonistas no processo de aprendizagem. Atuavam como jornalistas e cada um tinha uma função (fotógrafo, redator, editor, repórter...). Após percorrer a comunidade com os alunos para que eles realizassem a coleta de dados que poderiam ser notícias sobre o bairro, eles precisavam trabalhá-las para inserir no *blog* <http://belavistaemacao.blogspot.com/>. A partir disso foi possível perceber, que apenas ensinar não permitiria atingir os objetivos do projeto, era preciso mais que isso.

Com o projeto *Jornalistas do bairro*, reduziu-se significativamente a evasão, conquistamos parcerias importantes e nos tornamos referência no município. A Associação Comunitária Bela Vista teve projetos em parceria com Gerdau, Petrobrás, Fundação Maurício Sirotski Sobrinho pela Rede Parceria Social do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Além da experiência com os *Jornalistas do Bairro*, após oito anos de atuação no atendimento ao público em escolas de periferia, foi possível acompanhar e perceber que os métodos tradicionais de ensino não prendem de forma efetiva a atenção do aluno na educação básica, salvo raras exceções. Como base desta prerrogativa, temos os altos índices de evasão e reprovação escolar nas instituições



em que atuei. Além disso, essa afirmação reforça-se a partir da tentativa do poder público de incluir e proporcionar formação aos alunos em desvio de série e idade com programas educacionais tais como o EJA - Educação para Jovens e Adultos, que acontece em diversas regiões do país e visa proporcionar a conclusão dos estudos num curto espaço de tempo.

Considerando o cenário de evasão, assim como a necessidade do desenvolvimento de novas práticas na educação, que não apenas proporcionem a conquista do certificado de conclusão da educação básica, mas que garantam a apropriação do conhecimento, a autonomia do estudante tanto para escrita, quanto para pesquisa e capacidade de análise de acontecimentos que envolvam seus direitos e deveres enquanto cidadãos, surgiu a ideia desta **intervenção pedagógica**, que objetiva uma prática pedagógica, que já se utiliza em diversos meios, mas que não está amplamente difundida nos ambientes escolares, no que se refere à língua portuguesa, através de oficinas onde os alunos são protagonistas no processo de aquisição do conhecimento, atuando como centro da proposta, onde a interação e a participação serão o foco principal.

## **2.1 Ensino por meio de oficinas**

O ensino de língua portuguesa vem sendo estudado há bastante tempo por alfabetizadores nos processos de letramento e os resultados obtidos das oficinas apresentam-se de forma muito positiva. Já nos anos finais da educação básica, o desenvolvimento de oficinas acaba não se tornando uma prática corriqueira, pois o foco no ensino da gramática normativa já é por si só uma grande tensão aos educadores, que se veem diante de um grande desafio que é: prender a atenção dos alunos e conseguir mediar conhecimento de modo que eles absorvam. A partir disso, o ensino acaba limitando e restringindo os papéis do docente e do discente, que respectivamente acabam atuando como emissor e receptor no processo de ensino aprendizagem. Mudar esse perfil nos anos finais, é um desafio, é mais cansativo elaborar um projeto em forma de oficina, afinal não é comum, mas acreditar em novas possibilidades e trabalhar para torná-las reais, pode trazer significativos resultados na educação. PATTO (1996, p. 343) acredita que:

O fracasso da escola pública elementar é o resultado inevitável de um sistema educacional congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos. Reprodução ampliada das condições de produção dominantes na sociedade que as incluem, as relações hierárquicas de poder, a segmentação e a burocratização do trabalho pedagógico, marcas registradas do sistema público de ensino elementar, criam condições institucionais para a adesão dos educadores à similaridade, a uma prática motivada acima de tudo por interesses particulares, a um comportamento caracterizado pelo descompromisso social.

Aceitar e colocar em prática projetos educacionais inovadores com foco na interação, na mudança de olhares, de perspectivas, pode parecer inviável ou um projeto difícil de realizar, entretanto, nas últimas décadas, importantes programas com foco na redução dos índices de evasão escolar e inclusão social, foram desenvolvidos no turno inverso ao da escola, com atividades interativas, neste sentido, não se pode deixar de lembrar do Programa Mais Educação do governo Federal. Em conformidade com o andamento da oficina e perfil de trabalho do oficinairo, os alunos eram convidados a construir de forma conjunta as atividades, fazendo com que a ideia do discente enquanto protagonista, passasse a ser difundida e popularizada. Programa *Mais Educação*, é uma referência significativa, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, que tem por objetivo:

“Finalidade de contribuir para a alfabetização e letramento dos estudantes, promovendo ao mesmo tempo a melhoria do desempenho escolar e a redução das taxas de evasão, reprovação e distorção idade/ano.”

O sistema de ensino baseado na memorização de regras, sem objetivo de proporcionar ao aluno o entendimento da aplicação dos saberes, faz com que a gramática normativa consolide a imagem de conteúdo difícil, complicado, inacessível, restrito apenas àqueles que conseguirem decorá-lo. A Base Nacional Comum Curricular (2017), já incentiva um ensino que possibilite diferentes opções no ensino aprendizagem, não a memorização. No que tange às práticas pedagógicas no ensino de Língua portuguesa, antes e durante a pandemia, muitos recursos tecnológicos foram sendo inseridos na rotina dos estudantes e dos professores, porém, no período do que se pode definir como “auge” da pandemia,

pouco dessas tecnologias realmente pode ser aproveitada de modo a proporcionar acesso e integração com novas metodologias. Inserir alternativas que aproximem os discentes de recursos tecnológicos, pode contribuir para a realização de uma prática pedagógica muito mais interativa. MORAM (2021, p.1) sugere que:

“Podemos pensar em propostas de ensino e de aprendizagem ativas muito mais flexíveis, atraentes, diversificadas, que atendam às necessidades e expectativas de cada participante, dos diversos grupos e da comunidade. Antes o acesso à informação, às tecnologias e especialistas era difícil. Agora, apesar da desigualdade existente, podemos reinventar currículos, metodologias, design de experiências, formas de avaliação. Tudo está em aberto e em construção. Caminhamos para currículos mais flexíveis, multimodais, integrados, com maior vínculo com a sociedade (famílias, organizações) com incorporação ampla do digital.”

Mudaram as plataformas, a sala de aula passou a ser *online*, porém, somente no terceiro trimestre de 2021, foi possível perceber nas escolas públicas, um movimento real de integração com as ferramentas tecnológicas.

## **2.2 Protagonismo no ambiente escolar**

Há muito se dialoga sobre a importância do desenvolvimento de atividades que contribuam para construção de senso crítico, formação de jovens leitores, conscientização sobre os reflexos da conclusão escolar. Entretanto, embora esses assuntos sejam amplamente discutidos, o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas para disciplinas consideradas complexas, tais como língua portuguesa, que se caracteriza como difícil em função das regras existentes na gramática e do quão extenso e cansativo é o processo de ensino aprendizagem nas metodologias tradicionais, ainda não é rotina nos ambientes escolares o desenvolvimento de práticas efetivamente participativas. MORAN (2021), faz uma importante contribuição neste sentido:

“Precisamos reinventar as formas de ensinar e de aprender com mais atenção às necessidades de cada estudante, com intensa participação em projetos integradores relevantes, com currículos mais flexíveis, escolas abertas para a comunidade, com ampla utilização de recursos digitais. Mas sem perder o essencial: conhecer os estudantes, acolhê-los, escutá-los ativamente, incentivá-los a participar continuamente, a que se sintam protagonistas, valorizados.”

Os processos tradicionais ainda vigoram na educação brasileira, destacando-se como exceção às práticas diferenciadas onde os alunos atuam como protagonistas na aquisição do conhecimento. Ainda que se saiba, que uma educação de qualidade precisa ter significado para o discente, precisa fazer com que haja sentido para ele, tal como afirma SANTOS (2008, p. 33) ao dizer que:

“a aprendizagem somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: motivação, interesse, habilidade de compartilhar experiências, habilidade de interagir com os diferentes contextos.”

A atuação do aluno como centro neste processo ainda não é algo rotineiro nas escolas. Embora, o potencial transformador da prática pedagógica significativa seja há muito reconhecido, algumas barreiras ainda precisam ser transpostas para efetivar novas metodologias de ensino capazes de aproveitar ao máximo o potencial dos alunos e como resultado, atingir resultados realmente satisfatórios na educação básica das escolas públicas. Costa (1996, p. 90) afirma que:

“O protagonismo juvenil parte do pressuposto de que o que os adolescentes pensam, dizem e fazem pode transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos da vida comunitária e social mais ampla. Em outras palavras, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos. Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver seu potencial criativo e a sua força transformadora.”

Não é de hoje que se percebe o protagonismo como prerrogativa fundamental no contexto de educação inovadora. Basta que o docente se perceba como mediador do conhecimento, como facilitador e não mais como único detentor do saber. Basta considerar a afirmativa de FREIRE, 2003, p.47. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Tornar o processo de ensino aprendizagem significativo, permitirá um rendimento estudantil muito mais produtivo, o processo participativo tende a ser mais eficaz. De acordo com GASPARIN (2001, p.8):

"São jovens que vivenciam a paixão, o sentimento, a emoção, o entusiasmo, o movimento. Anseiam por liberdade para imaginar, conhecer, tudo ver, experimentar, sentir. O pensar e o fazer, o emocional e o intelectual, estão entrelaçados, de maneira que estão inteiros em cada coisa que fazem".

Esta percepção de aprendizagem significativa vem sendo discutida para as mais variadas faixas etárias na educação, pois apresenta resultados positivos no que diz respeito a aprender efetivamente. De acordo com Ausubel (1980, P. 41):

"A essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias expressas simbolicamente são relacionadas às informações previamente adquiridas pelo aluno através de uma relação não arbitrária e substantiva (não literal)."

Trabalhar dentro deste conceito, é um grande desafio, entretanto, deve-se considerar o quão desafiador se tornou, manter uma turma em silêncio para que apenas "absorvam" o conhecimento "emitido", buscar desenvolver novas práticas, ricas em significados, pode ser um desafio, cujo fardo seja infinitamente mais leve, afinal, perceber resultados positivos da prática docente, é para o professor, uma grande vitória e para o aluno um grande benefício

### **2.3 Educação como ferramenta de inclusão social**

Levando em consideração o que consta no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, "a educação é um direito de todos e dever do estado e da família." Se na própria constituição a educação é defendida como um direito fundamental, fica evidente que a educação contribui para o desenvolvimento social e sustentável dos cidadãos em comunidades carentes, não apenas nelas, mas especialmente nestes ambientes é preciso inculcar a percepção da importância da formação escolar.

No sentido de perceber a realidade do aluno e proporcionar novas perspectivas, que visem mudança de realidade, FREIRE (1997, p.13) afirma que:

"Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar como ele, é o saber do futuro como problema e não como

inexorabilidade... Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar.”

Há muito tempo a escola vem sendo formadora para mão de obra do capitalismo, as escolas de periferia formam mão de obra barata e as escolas onde as classes sociais estão acima da zona de miséria e pobreza, formam a mão de obra de funções menos “brutas”. Mas não se pode permitir que se naturalize a formação onde os alunos não tenham perspectivas de uma profissão que exija nível superior, é preciso possibilitar que eles percebam que podem estar nos mais variados espaços, ocupando as mais variadas funções e que a base capaz de permitir a trajetória rumo ao sonho profissional, começa na educação básica.

O professor carrega, neste contexto, a grande responsabilidade de possibilitar acesso a um mundo até então desconhecido ou distante. Levar novas perspectivas às comunidades periféricas, possibilitando a construção conjunta de pensamentos, ideias e sonhos, fazendo com que se perceba ali a possibilidade de ascensão social - e de um modo geral, a ascensão social ao jovem da periferia, acontece a partir da formação escolar. Há na fala de FREIRE (1997, p. 24), uma colocação muito interessante no que tange a acomodação em relação à realidade apresentada:

“Recentemente, ouvi de jovem operário num debate sobre a vida na favela que já se fora o tempo em que ele tinha vergonha de ser favelado. “Agora”, dizia, “me orgulho de nós todos, companheiros e companheiras, do que temos feito através de nossa luta, de nossa organização. Não é o favelado que deve ter vergonha da condição de favelado mas quem, vivendo bem e fácil, nada faz para mudar a realidade que causa a favela. Aprendi isso com a luta”. É possível que esse discurso do jovem operário não provocasse nada ou quase nada o militante autoritariamente messiânico. É possível até que a reação do moço mais revolucionarista do que revolucionário fosse negativa à fala do favelado, entendida como expressão de quem se inclina mais para a acomodação do que para a luta. No fundo, o discurso do jovem operário era a leitura nova que fazia de sua experiência social de favelado. Se ontem se culpava, agora se tornava capaz de perceber que não era apenas responsabilidade sua se achar naquela condição. Mas, sobretudo, se tornava capaz de perceber que a situação de favelado não é irrevogável. Sua luta foi mais importante na constituição do seu novo saber do que o discurso sectário do militante messianicamente autoritário.”

O papel do professor neste contexto de nivelamento, onde os alunos das comunidades periféricas acabam sendo “nivelados por baixo”, é acreditar no próprio potencial como agente transformador. Não se pode esperar que o professor resolva os problemas sociais do país, seria um fardo injusto e inatingível, mas permitir que o professor compreenda seu poder transformador, pode contribuir significativamente para uma mudança nas práticas pedagógicas e automaticamente refletir na aprendizagem dos alunos.

Ainda neste contexto, onde o professor é visto como um agente com grande potencial para colaborar com a formação de cidadãos críticos, capazes de almejar novos horizontes, é preciso não apenas uma mudança comportamental do professor, mas um novo olhar do poder público, que muitas vezes não permite a autonomia na prática docente. A autonomia do professor é essencial para o desenvolvimento de aulas diferenciadas. Sobre isso, FREIRE (1997, p.27) traz importantes reflexões:

“Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidades, às perguntas dos alunos, às suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a transferir conhecimento.”

Ainda no que diz respeito à educação como ferramenta de inclusão social, FREIRE (1979, p.84) fez importantes reflexões, apontando que a educação é transformadora. “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

## **2.4 Educação não é privilégio**

TEIXEIRA, já afirmava em 1960 que educação não é um privilégio, porém a cada instante, a sociedade é condicionada a agir e pensar diferente de tal afirmativa. Na atualidade, acontece de forma recorrente a situação em que os alunos oriundos da educação básica em escolas particulares apresentam mais facilidade em

ingressar em universidades públicas no nível superior ao contrário daqueles que cursam a educação básica nas escolas públicas. Sabendo que educação não é privilégio, por que ainda acontece de a qualidade do ensino não ser padrão? Há que se pensar e analisar que os contextos que envolvem cada comunidade escolar devem ser estruturados para possibilitar que independente da estrutura familiar ou classe social, o discente tenha condições de aprendizagens justas, que visem equidade. Todo aluno tem capacidade de aprender e se a educação não é privilégio e conforme consta na Constituição Federal de 1988: “educação é direito de todos e dever do estado, da família e da sociedade”. Cabe a todos a responsabilidade em garantir que a qualidade do ensino na rede pública, seja proporcional ao ensino da rede privada, desde a educação básica.

Neste contexto, estudar e vislumbrar novas perspectivas, é um ato de rebeldia, demonstra a inconformidade com a realidade social há muito imposta. Durante o período em que estudava na educação básica, parentes próximos diziam que faculdade não era “para pobre”. Embora ignorado, sentia/percebia a formação superior como algo quase inatingível. É este sentimento que precisa ser mudado em sala de aula. Terminar com a visão separatista, afinal, educação não é privilégio!

No transcorrer da história da educação brasileira, criou-se um abismo no processo de aquisição de conhecimento. Em tempos de pandemia, este abismo tornou-se ainda mais preocupante, já que os alunos da periferia ficaram às margens do conhecimento, sem nenhum tipo de acesso à educação (onde o ensino ocorreu de forma remota, tiveram acesso aqueles que dispunham de dispositivos tecnológicos para participar das atividades *online*). Sobre os abismos criados no processo de aquisição de conhecimento, já se discute há tempos, e o professor e filósofo CORTELLA (2020), afirma em vídeo disponibilizado na *internet* que:

Numa democracia, quantidade total é sinal de qualidade social. Qualidade que não atinge todas as pessoas não é qualidade, é privilégio! Isso significa que nós temos ainda uma questão muito séria que é a marca do privilégio e não é uma discussão entre escola pública e escola particular... Qualidade com poucos, não é qualidade é privilégio. A cidade de São Paulo é conhecida por ser uma cidade onde se come muito bem, quem come? Tem muitos museus, teatros... mas qual é o capital cultural que a pessoa recebeu antes de chegar ao espetáculo teatral ou até um museu para ela poder aproveitar aquilo? Com isso temos a questão escolar que é aquele dilema onde se coloca quantidade versus qualidade... Numa democracia, se



todas as pessoas não tiverem um acesso correto e decente à educação escolar, nós não teremos qualidade!

Desenvolver espaços para novas metodologias, que proporcionem uma educação que alcance a todos com qualidade, afetividade, sustentada nos conceitos abordados por importantes teóricos, tais como Teixeira, que sabiamente discorrem defendendo que educação não é privilégio.

## **2.5 Educação libertadora**

A educação como ferramenta capaz de libertar as pessoas, de suas ignorâncias, de suas amarras sociais que as prendem em situações de dificuldades, de suas ignorâncias no que tange direitos e deveres, não deveria então, ser socializada de forma que se torne não só acessível, mas atraente àqueles que dela dependem para esta libertação? O discurso e a prática precisam estar alinhados, debater sobre democratização do acesso, deve ir além dos diálogos, é preciso buscar a prática, a aplicação na realidade... É urgente que se pense em práticas que realmente tornem a educação libertadora.

Dentro de uma nova realidade de ensino, que são os estudos remotos, fundamentais no contexto pandêmico, visto ao alto contágio e número de mortes, presenciamos concomitante a este cenário avassalador, de uma forma muito rápida a educação tornando-se a cada dia mais excludente, não apenas em função da falta de políticas públicas (o que tem um peso imensurável e poderia mudar de forma significativa o quadro da educação no país, caso a educação fosse prioridade), mas também pela falta de fé de todo contexto educacional, a sociedade, já não vê a educação como algo primordial.

Professores, alunos e famílias precisam estar preparados para que o processo de ensino aprendizagem flua de forma positiva, precisam estar em sintonia. A educação tem um potencial transformador mundialmente reconhecido, tal como registrado por FREIRE, a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Como alternativa para viabilizar essas mudanças tão fundamentais no ensino, surgem metodologias pedagógicas participativas, dentro de uma perspectiva libertadora, é possível abranger durante as oficinas, temáticas de produção textual e até comparações cotidianas que proporcione aos discentes essa visão dos

horizontes que podem ser abertos a partir da educação. Dar à educação o seu devido valor.

### **3. ABORDAGEM METODOLÓGICA**

Para viabilizar a realização desta intervenção, foram utilizados os seguintes recursos:

#### **3.1 Entrevista qualitativa**

Entrevista com docentes de língua portuguesa que atuam em escola pública. Com o objetivo de identificar as práticas pedagógicas adotadas e suas impressões em relação à utilização de novas práticas de ensino, tais como as oficinas propostas nesta intervenção.

Entrevista com equipe de gestão escolar. Visando mapear se há abertura para aplicação de novas práticas, se o docente tem autonomia para organização de oficinas e planos de aula que considere válidos e pertinentes às realidades dos alunos. Além disso, se a Proposta Política Pedagógica da escola comporta possibilidade de novas práticas ou se há uma metodologia de ensino padrão ou restrita.

#### **3.2 Pesquisa Exploratória**

Análise em escola pública municipal do Município de Canoas, buscando identificar se há utilização de novas práticas de ensino e como ocorrem, ficando inviabilizada a pesquisa por falta de práticas, serão exploradas mais escolas.

- As pesquisas utilizadas serão: Qualitativa de âmbito exploratório.
- Os sujeitos que irão compor a pesquisa: Comunidade escolar (docentes e equipe de gestão escolar de uma escola da rede pública no município de Canoas/RS).

#### **3.3 Como instrumentos deste projeto**

Para realização deste trabalho, utilizou-se entrevistas com perguntas abertas e fechadas, que tinham por objetivo compreender as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, assim como identificar de que forma os docentes percebem o

ensino através de oficinas, onde o aluno atue como protagonista, desvinculando até certo ponto, as práticas tradicionais de ensino. As entrevistas foram realizadas via Google Formulários, cujo link foi disponibilizado via *WhatsApp* com o público alvo da pesquisa.

#### 4. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No desenvolvimento de pesquisa é importante que o conceito ou ideia a ser defendida e/ou analisada, tenha uma sustentação teórica e prática. A intervenção pedagógica proposta neste trabalho precisaria de ao menos um semestre de aplicação prática para verificação de possibilidades e análises de dados. Como a prática não é possível neste momento, buscou-se o desenvolvimento de pesquisa com profissionais da área, para compreender as metodologias utilizadas, assim como perceber qual perspectiva destes profissionais frente às alternativas de ensino que descentralizam o professor e o colocam na posição de mediador no processo de ensino e aprendizagem. O discente fica como protagonista, e para uma disciplina que há muito se considera complexa, sair dos padrões tradicionais de ensino, requer um empenho que vai bastante além da carga horária do professor tradicional. Até que se internalize agir e pensar no discente como protagonista no processo de ensino e aprendizagem, uma trajetória cansativa se dará no decorrer dessa jornada. Neste sentido STEMBERG (2013, p.84), colocam que se faz necessário pensar “fora dos quadrados”, a sala de aula e os processos de aprendizagem não acontecem apenas em ambiente pré determinado para estudos:

“Nascemos e ficamos em um berço que é quadrado, morremos e estamos em outro, quadrado que é o caixão. Por que ficar de novo durante um bom período da nossa vida dentro da sala de aula, que é mais um quadrado? E se tiver que usá-la, como usá-la de forma diferente?”

Não se objetiva aqui, vilanizar a sala de aula, mas apresentar propostas atualizadas de ensino, onde a aprendizagem vá além do “quadrado”, ultrapassando os muros da escola. Há muito que se aprender como docente, e neste sentido de pensar no ensino da língua portuguesa a partir de oficinas, quão enriquecedor seria para docente e discente a apropriação dos espaços? Andar pela comunidade,

permitir que os alunos guiem numa jornada de pesquisa, análise, investigação... Vai possibilitar que o docente realmente conheça a comunidade com a qual está trabalhando, o aluno que terá em sua sala e os anseios que os cercam.

A partir da pesquisa realizada com equipe gestora da escola, ficou perceptível que todas as práticas pedagógicas que visem o envolvimento do aluno e participação ativa, são bem-vindas, incentivadas e subsidiadas no que for possível pela equipe que administra a escola, ou seja, o professor tem autonomia para desenvolver o trabalho pedagógico, respeitando o que aponta o regimento escolar e a proposta político pedagógica da escola. Ao realizar a análise da proposta político pedagógica da escola, ficou claro que a escola tem abertura e inclusive propõe espaços de diálogo e participação ativa de toda comunidade escolar. Um trecho importante que consta nos objetivos da Proposta Político Pedagógica da escola retrata a abertura aos trabalhos interativos e participativos:

“Acreditamos que um caminho possível seja o do trabalho educativo dialógico e participativo, onde predomina a ação constante do professor e do aluno. O professor é aquele que orienta, facilita e/ou dificulta, desafia, problematiza e faz intervenções que contribuem para a aprendizagem do aluno. E o aluno é aquele que constrói conceitos, investigando, resolvendo situações desafiadoras, estabelecendo relações, pesquisando e exercitando. Nessa perspectiva, alunos e professores se formam e se transformam mutuamente, pela educação.”

Perceber o posicionamento da equipe de trabalho da escola que embasou a pesquisa, permitiu passar para o passo seguinte da análise.

As constatações registradas nesta pesquisa, baseiam-se, especialmente, na experiência durante a realização do projeto Jornalistas no bairro, mencionado anteriormente neste trabalho. Houve uma imersão no projeto e o conteúdo, embora tenha sido planilhado, colocado em cronograma, seguiu uma prática inesperada a cada aula, isso porque não era possível saber com antecedência quais as possibilidades e resultados atingidos ao término de cada aula. E é nesta incerteza que muitos profissionais acabam recorrendo aos métodos tradicionais. Foi possível identificar que os colaboradores com a pesquisa, demonstraram de modo geral que o ensino deve estar voltado para a realidade do aluno, ao mesmo passo que não deve se distanciar totalmente dos métodos tradicionais. Como alguém que atua de

forma indireta em escolas de periferia, como aluna oriunda de comunidade periférica, reconhecendo e admitindo minha pouca, quase nula experiência, penso e defendo que muito além de aproximar com a realidade do aluno, o professor precisa mostrar aos discentes as possibilidades que transcendem sua realidade, tirá-los da “bolha”, proporcionar que eles percebam que existe mais do que se vê no seu entorno. É importante que o ensino se aproxime da realidade do discente, entretanto, este não deve ser o único foco no processo de uma prática que objetiva apresentar a formação escolar como chave para novos caminhos, especialmente no que diz respeito à inclusão social. Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (MEC/2013, p.17):

“[...] a educação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. A educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças.”

Com base nos dados levantados para esta pesquisa, foi possível perceber que é fundamental, possibilitar que professores e alunos pensem “fora da caixa”, organizar e pensar alternativas de ensino aprendizagem que sejam capazes de não apenas envolver os alunos durante a aula, mas que os permita perceber que é a partir da formação que eles terão possibilidades de ascensão social e modificação real do seu lugar na sociedade. Porém, ao mesmo tempo, em que se propõe a mudança neste trabalho, é importante frisar, que não beira utopia, entende-se que muitos docentes não iriam aderir a um projeto como este, o resultado da pesquisa aponta que uma minoria está proposta a modificar a sua metodologia de ensino. Talvez não apenas pelo desafio do novo, mas pela conformidade com a realidade. A realidade do outro não dói em todos. Almejar esta mudança social talvez seja uma das características do docente surgido e sem exageros, “forjado” na periferia, que não apenas acredita na mudança, mas surgiu em função dela ou para ela. Em relação a isso, FREIRE (1997, p. 11) diz que:

“A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim

mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. O livro com que volto aos leitores é um decisivo não a esta ideologia que nos nega e amesquinha como gente.”

Uma das escolas observadas apresenta fielmente, a comunidade em zona de vulnerabilidade social, mas poucos professores realmente dispostos a trabalhar de forma diferenciada. Chama atenção - embora fuja da disciplina em estudo - o professor que ministra a disciplina de História para os anos finais do ensino fundamental na escola em questão, pois ele faz de todos os ambientes um local de aprendizagem, leva os alunos para fora de sala, contextualiza e envolve os discentes de forma atrativa, interativa, o reflexo da prática adotada pelo docente, é o interesse dos discentes pela disciplina, a relação de confiança e proximidade desenvolvida.

No transcorrer deste trabalho, muito sobre a obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire foi utilizado como embasamento, e não por falta de autores que abordem a temática, mas devido a tamanha identificação deste projeto com as teorias do autor. Com uma corrente de pensamento que se aproxima bastante desta intervenção proposta.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as análises realizadas, a pesquisa bibliográfica e a experiência com o projeto mencionado, foi possível perceber o quanto o desenvolvimento de práticas pedagógicas se faz importante na rotina escolar, além disso, projetar a realização de aulas em formato de oficina, embora desafiador, compreende todas as propostas defendidas tanto na Base Nacional Comum Curricular - que incentiva práticas interativas, ricas em significado e que possibilitem equidade na educação, quanto aos autores referenciados, que vão ao encontro ao proposto neste projeto e na Base Nacional Comum Curricular. Abordam temas que destacam que a educação não é um privilégio (TEIXEIRA, 1960), que a educação é transformadora, pois a

partir dela se pode transformar as pessoas (FREIRE, 1979), que se faz urgente um novo olhar para as metodologias de ensino (MORAN, 2021).

Em resumo, foi possível compreender que a educação é ferramenta fundamental e indispensável para transformação social, visto isso, se faz necessário desenvolver alternativas de ensino que contribuam para que os discentes não apenas entendam a importância de estar em sala de aula e de atingir a conclusão de ensino, mas que eles queiram estar em sala de aula e assimilem o quão fundamental é a formação escolar e continuidade dos estudos para além da educação básica, para ascensão social.

Discorrer sobre a temática, pesquisar a respeito, fez com que a intervenção pedagógica aqui proposta, se apresentasse não só como mera prática, e sim, como ferramenta eficiente que vai de encontro às regulamentações de ensino, assim como às necessidades de comunidades periféricas, local onde os índices de evasão escolar e desvio de série/idade costumam ser mais altos - tanto em função do abandono involuntário dos pais, quanto em função do desinteresse pelas metodologias tradicionais e falta de perspectivas em relação ao futuro.

Os alunos de modo geral, precisam de um olhar especial, tirá-los da “bolha”, não apenas adequar o conteúdo à realidade deles, mas apresentar-lhes as tantas realidades existentes fora do contexto periférico, não marginalizando a periferia, mas empoderando o discente proporcionando que ele perceba que ele pode ir além do que se espera dele.

Quando se vem da periferia, e este é um relato pessoal, se vem com muitas incertezas e inseguranças e especialmente, com a sensação de que não somos o bastante, não temos condições de aprender de fato, as crenças limitantes nascem e crescem naturalmente e elas podem ser “quebradas” quando nos apresentamos possibilidades diferentes daquelas que já estávamos esperando.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL et al. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.  
BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>

BRASA. **Educação só tem qualidade quando é para todos**. Mário Sérgio Cortella. Youtube, 2020. Produção Canal Um Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6ggNk7A2sk0> Acesso em 06 de Abril de 2021.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil - Adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GASPARIN, J. L. **Motivar para aprendizagem significativa**. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 314, p. 8, mar. 2001.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. **Censo Escolar 2020**. Acesso em 18 de Abril de 2021. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/conheca-o-inep>

MORAN, José. **A educação pelo afeto nos transforma**. Site Educação Transformadora, 2021. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1973L>>. Acesso em: 10 de Novembro de 2021.

MORAN, José. **Reinventando as formas de aprender**. Site Educação Transformadora, 2021. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/06/reinventando.pdf>>. Acesso em: 10 de Novembro de 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília, DF, UNESCO. 2003.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

STEMBERG, Rafael. **Educação e Juventude**. São Paulo, Kalima Editores, 2013. In: Educação Integral: Experiências que transforma - Subsídios para reflexão. Iniciativa: Fundação Itaú Social e UNICEF.



## APÊNDICES

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Essa pesquisa foi desenvolvida pela acadêmica Fernanda Cristina Gonzales Ferreira, do curso de Graduação em Letras - Português na Universidade Federal do Pampa, com o objetivo de embasar o Trabalho de Conclusão de Curso: Uma intervenção pedagógica para além dos muros da escola. Abordagem de oficinas nas comunidades de periferias.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.\*

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa qualitativa referente ao projeto intitulado Uma intervenção pedagógica para além dos muros da escola. Abordagem de oficinas nas comunidades de periferias - desenvolvido por Fernanda Cristina Gonzales Ferreira. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

- Li e aceito o termo de consentimento.
- Li e NÃO aceito as condições do termo de consentimento.

Atua como professor?\*

- Sim
- Não

Rede pública ou privada de ensino?\*

- Pública
- Privada
- Não atuo no momento
- Pública e privada

Há quanto tempo atua como professor(a)?\*

---

---

Qual sua formação? (se possível, mencione pós stricto e lato sensu se houver).

---

---

Já desenvolveu oficinas como prática pedagógica?

- Não. Considero ineficientes.
- Não. Mas é possível que venha a desenvolver.
- Sim e tive resultados esperados/satisfatórios.
- Sim e não obtive os resultados esperados.
- Há pouco envolvimento/participação dos alunos.

Quais recursos didáticos você utiliza em sala de aula?

- Livro didático
- Filmes, apresentações, vídeos, aplicativos, redes sociais...
- Livros, jornais, revistas, pesquisas
- Outros

Quais recursos didáticos você gostaria de usar em sala de aula e não dispõe?

---

---

Desenvolve planos de aula interdisciplinares?

- Sim
- Não

Se você trabalha interdisciplinaridade, comente como desenvolve sua prática.

---

---

---

Quais métodos avaliativos você utiliza?

---

---

Que métodos você utiliza para "driblar" as dificuldades dos alunos?

---

---

---

Já experienciou o ensino a partir de oficinas? Se possível, comente:

---

---

---

O que você considera indispensável no ensino para que seja eficiente?

---

---

---

O que você acha do método tradicional de ensino?

---

---

---

De que maneira você aborda os temas transversais em sala de aula?

---

---